



Trabalho (no) Feminino: (1850-1926) - Histórias dos Açores

Mulheres Singulares

Florinda Rosa Travassos (Feteiras, n. 31/03/1853 - Sete Cidades, m. 12/08/1944). Conhecida como Tia Florinda nas Sete Cidades, era proprietária da hospedaria neste mesmo lugar. Chegando a ser, durante algum tempo, o único estabelecimento deste género em funcionamento nesta localidade. Não será, certamente um nome conhecido do leitor, mas deixamos aqui a sua biografia, do que nos foi possível recuperar, para que a sua memória não seja esquecida, sendo, pois, um contributo importante para a História do Trabalho (no) Feminino.

Filha de João de Sousa Pacheco Craveiro, camponês, e de Maria de Jesus, era natural da freguesia de Feteiras e foi batizada no dia 06 de abril de 1853, na Igreja de Santa Luzia, do dito lugar. Em 22 de dezembro de 1881, com 28 anos e de ocupação doméstica, casou com Manuel Travassos da Costa, viúvo e camponês, tendo a cerimónia sido realizada na Igreja Paroquial de São José, cidade de Ponta Delgada. O seu marido havia crescido nas Sete Cidades, e na altura do seu matrimónio, Florinda era moradora neste mesmo local com os seus pais.

A 28 de Maio de 1869 foi dada licença a Manuel Travassos da Costa para ter a Hospedaria aberta, situada na Rua da Cidade. Com o passar do tempo esta Rua ficou conhecida entre os locais como Rua da Hospedaria ou do Travassos (*Revista Michaelense*, nº1, Janeiro de 1901). Manuel Ferreira, nos relatos das primeiras excursões às Sete Cidades, descreve a hospedaria como tendo “ar acolhedor e prazenteiro”, e em relação a Florinda, diz que era “antiga governante de padre, limpa e trabalhadeira - dona de uma boa mancha de libras ameadas com muito sacrifício - era senhora de um dedo especial para os temperos e refogados, de alho, louro e outros condimentos - e não havia cozinheira que lhe adiantasse a passada, fosse na mesa do Rei ou do Papa.” (ARRUDA, 2012, p. 213). Em Maio de 1893, por morte do seu marido, fica Florinda à frente do negócio.

Por esta hospedaria passaram inúmeros viajantes e visitantes ilustres, nas suas visitas às Sete Cidades, alguns dos quais deixaram as suas impressões de viagem tanto na imprensa nacional, como na imprensa regional. Bento Carqueja, Diretor do Comércio do Porto, relata que “Alli tem pousado príncipes, alli se tem albergado millionarios, alli se tem hospedado os viajantes dos mais distantes pontos da terra. Assim o demonstra um livro de visitantes, no qual domina a nota da admiração pelas bellezas naturaes, a par da muita expansão de graça e de ingenuidade.” (*A Actualidade: Revista dos Açores*, ilustrada, nº24, 13/03/1898). Estes livros de visitantes, sendo certamente uma fonte riquíssima para reconstruir um pouco da história da hospedaria, dos seus hóspedes e dos seus donos, encontram-se na posse da família de Florinda que emigrou para New Bedford, Massachussets (ARRUDA, 2012, p. 200). O relato de Bento Carqueja diz-nos ainda que a hospedaria era uma casa de um andar e de aspeto humilde, e que os quartos eram igualmente simples: “Por mobília, dous leitos quasi de bancos, como os das nossas aldeias; um lavatorio constituido por um banco de pernas altas, tendo no tampo a abertura destinada à bacia e duas cadeiras de assento de pinho.” (*A Actualidade: Revista dos Açores*, ilustrada, idem). Este pequeno negócio também marcou presença na *Revista National Geographic*, em Junho de 1919, onde foi publicada uma foto do edificio com a informação de que Alberto I Príncipe do Mónaco e Leopoldo II Rei da Bélgica passaram pela hospedaria aquando das suas visitas aos Açores. Outra figura importante, do qual temos registo, a passar pela hospedaria foi o Almirante Gago Coutinho que, em 1896, visitou as Sete Cidades, e também deixou a sua assinatura no livro

Se é duro apanhar aguaceiros quando se está de guarda por mar à vela, mais duro é apanhar-los quando se veio às Sete-Cidades, para gosar o panorama e bordejar no lago. No dia 12 de Maio de 1896 caíram uns poucos.
Gago Coutinho

▶ Assinatura do Almirante Gago Coutinho no Livro de Hóspedes em 1896. Fonte: *Diário dos Açores*, nº10292, 05/08/1926.



▶ The modest hotel at Sete Cidades, St. Michaels, where the Prince of Monaco and the late King Leopold of Belgium were entertained during their visits to the Azores. Fonte: *National Geographic*, volume XXXV, número 6, Junho de 1919, p. 540.

de hóspedes (*Diário dos Açores*, nº10292, 05/08/1926). Mais um relato de viagem encontrado, assinado simplesmente M. L., refere a chegada “ao velho hotel da tia Florinda; Florinda esta que roça já pelos seus cem anos de idade! Cem anos! Duas vidas passadas na doce paz de uma aldeia, longe do bulício do mundo e da maldade dos homens!” (*Correio dos Açores*, nº5581, 22/08/1939).

Florinda Travassos faleceu em 1944, com a idade avançada de 91 anos na freguesia das Sete Cidades. Nos dias que correm, a casa onde funcionava a hospedaria é uma moradia familiar. Uma hospedaria recôndita numa pequena aldeia na ilha de São Miguel, não obstante chegou a vários cantos do mundo e marcou pela beleza que a rodava, pela sua simplicidade e desprezensão, levando consigo o nome Florinda Travassos.

Bruna Valério

Recomendamos a leitura

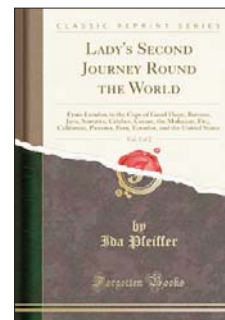
Os relatos de viagem compõem uma fonte importante para o estudo de um local e da sua cultura, apresentando a perspectiva de um olhar exterior, bem como complemento de estudo de quem os escreve. Assim sendo, recomendamos ao leitor as seguintes obras, que se focam em relatos de viagens escritos por mulheres que visitaram os Açores.

Em primeiro lugar, de Margarida Vaz do Rego Machado o texto *A literatura de viagens e os olhares femininos sobre os Açores Setecentistas e Oitocentistas* presente no livro *Memória e identidade insular Religiosidade, Festividades e Turismo nos Arquipélagos da Madeira e Açores*, publicado em 2019, e que poderá ser descarregado para leitura digital em https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/5135/1/Acores-Madeira_18-MMachado.pdf.

Para leitura na primeira pessoa de alguns relatos de viagens mencionados no texto acima indicado, recomendamos de Ida Pfeiffer *A Lady's Second Journey Round The World*, onde descreve a sua passagem pelos Açores já no final da sua viagem, de regresso a Inglaterra, originalmente publicado na segunda metade do século XIX. E de C. Alice Baker a obra *Um verão nos Açores e a Madeira de Relance*, publicado inicialmente em 1882, conta com uma vasta descrição sobre os Açores, e pretendia colmatar a inexistência de obras relativas às ilhas açorianas. Pode ser lido em português no Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira.

Boas leituras!

Bruna Valério



Sabia que...

Entre os fins do século XIX e inícios do século XX (por volta de 1885 e 1919), existiam em Ponta Delgada, cerca de onze unidades de alojamento, divididas entre hotéis e hospedarias. geridas por mulheres, num universo de 19 hotéis e hospedarias geridas por indivíduos do sexo masculino.

No geral, a exploração destas unidades de alojamento, tinha em comum o local de residência dos seus gestores, como se nota pelo exemplo seguinte: “Em 14 de outubro de 1885, foi concedida licença a Maria da Glória Botelho de Gusmão de 36 anos de idade, para ter casa de pasto, na sua residência na Rua de Santa Luzia, nº41”.

Para além desta hospedaria, existia a de D. Mariana Isabel Travassos, situada na rua do Gaspar; a de Belmira Alda Camacho, na rua da Cruz; a de Maria Estrela da Silva, na rua da Fonte Velha; a de Maria Júlia Cordeiro, na rua Pedro Homem, sendo que esta última, detinha capacidade para receber apenas 4 hóspedes. Na rua Pedro Homem, localizava-se ainda a hospedaria de Conceição Fernandes e na rua do Beco, a Hospedaria de Rosalina Augusta, vivendo esta última, em morada diferenciada (rua Pedro Homem).

Quanto aos hotéis, que se distinguiam das hospedarias por terem maior capacidade de alojamento e apresentarem melhores condições, existiam três unidades que eram propriedade e geridas igualmente por mulheres. D. Ludovina Fernandes, era a detentora do Hotel Fernandes, sito na Rua de João Chagas, com capacidade para receber 20 hóspedes; Maria Leopoldina Valadão Oliveira era dona do Hotel Central, no Largo da Misericórdia, com alojamento disponível para 24 hóspedes e, finalmente, D. Cristina Brandão Simões, era dona do Hotel Jerónimo, na rua Hintze Ribeiro.

Outro aspecto a considerar, é que as ruas atrás designadas, compunham o quadro das artérias com maior centralidade na topografia da cidade de Ponta Delgada. O século XIX é recordado na Historiografia como a época dourada da cidade de Ponta Delgada e da ilha de S. Miguel, devido à prosperidade económica, granjeada pela exportação da laranja para mercados ingleses. O esforço empreendido com o embelezamento da cidade condenava definitivamente à periferia, locais, como os mercados de carne e de peixe e o cemitério.

Devido ao progressivo desenvolvimento da atividade comercial, dizia-se que a cidade de Ponta Delgada, era a terceira maior do país, quer em riqueza, quer em densidade demográfica. Ainda no começo do século XX, Ponta Delgada ocupava um lugar cimeiro, no que respeitava aos centros urbanos, com mais importância em Portugal.

Graça Delfim